

PARA ALÉM DOS CENTENÁRIOS: O ESPÍRITO QUE DÁ A VIDA



ORDO FRATRUM
MINORUM

1226 — 2026
Franciscus
Oitocentos anos desde a morte de São Francisco

Carta do Ministro geral para Pentecostes 2026

© P. Ruberval Monteiro da Silva OSB



*A todos os Frades Menores da Ordem
Às Irmãs Clarissas e Concepcionistas
Às Irmãs Franciscanas afiliadas à Ordem
Aos leigos e leigas franciscanos*

Caros Irmãos e Irmãs,

O Senhor vos dê a paz!

Estamos a vivendo no coração do oitavo centenário do encontro de São Francisco com a irmã morte. Preparamo-nos ao longo de três anos, percorrendo novamente as últimas etapas do seu caminho: a Regra e o Natal de Greccio, os estigmas no Alverne, o Cântico das Criaturas, até à sua morte.

Parece-me importante dizer uma palavra que nos ajude a captar a unidade deste percurso, para que o Centenário não se encerre como mais uma celebração, sem deixar rasto. Vejo o risco de monumentalizar a figura de Francisco, fixando como numa fotografia instantânea alguns aspectos da sua história e perdendo de vista o movimento interior que os unifica. É precisamente aqui que reencontramos o dom que o Senhor, no Espírito, fez à Igreja e ao mundo através de Francisco de Assis: o seu carisma. É por isso que vos alcanço com esta carta no início da Novena de Pentecostes. Invoquemos o Espírito Santo vivificante, Ministro geral da Ordem, para que nos abra à sua luz e ao seu fogo para uma nova vitalidade evangélica. Como precisamos disso, todos nós na Família franciscana e o mundo conosco!

✦ O Espírito do Senhor que dá a vida

Para orientar o nosso olhar precisamos de um critério. Refletindo, parece-me que para Francisco esse critério foi simplesmente *o Espírito do Senhor que dá a vida*. Abriu-se ao seu «santo modo de operar»¹, reconheceu-o presente em si e à sua volta, não teve medo de seguir a sua inspiração suave.

O Espírito mostra a Francisco o Evangelho como forma de uma vida em busca do rosto do Senhor, itinerante e pobre, livre para o anúncio, fraterna e solidária com todos, especialmente com os pobres. É esta presença operante do Espírito que ele contempla e recebe nas diversas etapas do seu caminho, e que hoje pedimos para reconhecer de novo, também por nós, nas diversas condições de vida em que nos encontramos.

¹ Regra Bulada X, 9.



❖ Fonte Colombo: a liberdade do Espírito na letra

Em Fonte Colombo, Francisco, como sábio artesão, liberta o Espírito na letra da Regra: viver segundo o Evangelho de Jesus em obediência, sem nada de próprio e em castidade, como irmãos e menores². O percurso para chegar a este texto foi longo e escavou profundamente Francisco: ele e os seus frades atravessaram a crise de uma fraternidade que crescia e se transformava, com a pergunta de como guardar viva a centelha originária em formas cada vez mais articuladas.

❖ Grécio: o amor de Deus manifesta-se na nossa carne

Em Grécio, segundo Celano, encerra-se a primeira parte da sua vida, quando Francisco contempla o Evangelho feito carne na humildade da sua encarnação e na simplicidade da criação³. Reconhece que a carne, a matéria, a história concreta dos homens são o lugar onde Deus escolhe habitar. Na Eucaristia «eis que diariamente ele se humilha ... diariamente ele vem a nós em aparência humilde»⁴, suscitando em nós uma vida pobre e simples. Em Grécio, Francisco aprende que toda a realidade é capaz de manifestar algo do mistério de Deus.

❖ O Alverne: a vida que passa através das chagas

No monte Alverne, Francisco abre ainda três vezes o Evangelho e na prova experimental o sopro do Espírito que dá a vida. Reconhece-se «vilíssimo verme e inútil servo»⁵, envolvido por uma grande escuridão interior. Precisamente ali, a vida é-lhe restituída pelo encontro com o Crucificado glorioso, que o alcança na evidência da sua pobreza. O Serafim mostra-lhe que a verdadeira vida passa pelo dom de si até ao fim. Os estigmas não apagam as suas perguntas, mas unem-no mais profundamente a Cristo e revelam-lhe que a vida nova nasce também da dor oferecida.

❖ São Damião: o louvor que nasce da noite

Em São Damião, Francisco vive o Evangelho na noite da dor, da enfermidade e da cegueira. A escuridão da prova é o ventre que gera a intuição do Cântico, quando o Espírito da vida o abre ao louvor. Francisco convoca o outro Evangelho,

² Regra Bulada I, 2.

³ Tomás de Celano, *Primeira Vida de São Francisco*, XXX.

⁴ *Admoestação* I, 16. 17.

⁵ I Fioretti, *Terceira consideração dos sacrossantos estigmas*.



o livro de todas as criaturas, para que o socorram ao pronunciar o nome de Deus⁶. O Cântico nasce nesta noite luminosa na dor⁷ e continua na exortação às irmãs de São Damião⁸, prolonga-se até à estrofe do perdão, e Francisco quer ouvi-lo ainda antes de morrer, continuando a compô-lo e a cantá-lo, louvando agora o Senhor precisamente pela «nossa irmã morte corporal».

❖ A Porciúncula: a morte como Páscoa

Na Porciúncula, a morte de Francisco, cume do seu caminho de seguimento do Filho de Deus, celebra a Páscoa do Senhor, sobretudo através do dom das relações fraternas. Deixa-se rodear pelos frades como por uma mãe e pede para ouvir o Evangelho de Jesus que lava os pés⁹. O encontro com a morte, a quem por isso chama «irmã», abre-lhe o limiar de «um lugar extremamente delicioso, onde corriam águas limpidíssimas»¹⁰. Assim Francisco passa desta vida à Vida.

❖ O que nos resta?

O que nos resta a nós da vida iniciada com Francisco e crescida através de tantos irmãos e irmãs no tempo? A centelha que capturou e transformou Francisco continua ainda a torná-lo semente de vida para todas as gerações. E nós, frades, irmãs e leigos franciscanos no mundo, onde estamos? Deixemo-nos interrogar por esta pergunta, com honestidade, porque é aqui que o dom do Espírito que chamamos «carisma» pode crescer. Mas basta conservá-lo nos santuários, nas tradições que se repetem, nos lugares que herdamos, sem nos perguntarmos se pode manifestar no nosso tempo o que ainda não foi dito? Francisco foi chamado por Tomás de Celano «homem do mundo futuro»¹¹: a vida que nele tomou forma não esgotou todas as suas potencialidades e orienta-nos para o futuro de Deus.

❖ Para além de toda a monumentalização

Eis aquilo de que precisamos para que o caminho continue para além do Centenário: não opor resistência à vida iniciada com Francisco, deixá-la tomar formas

⁶ Cf. *Compilação de Assis*, 83.

⁷ Cf. *Compilação de Assis*, 83.

⁸ Palavras de Exortação: “*Ouvi, Pobrezinhas*”.

⁹ Tomás de Celano, *Segunda Vida de São Francisco*, CLXIII.

¹⁰ *Idem*, CLXV.

¹¹ Cf. *Primeira Vida de São Francisco*, XXIX, 82; *Legenda dos Três Companheiros*, XIII, 54.



inéditas. O mesmo Espírito que a suscitou continua a animá-la para que tome forma hoje. Não podemos então evitar uma pergunta: *que frade menor, irmã contemplativa, leigo franciscano o dom do carisma desenha e suscita hoje? A que franciscano/a queremos formar, nós mesmos e quantos ainda batem às nossas portas?* Coloquemo-nos estas perguntas nos muitos e diversos contextos em que procuramos responder ao dom da nossa vocação. Com efeito, esta vida, inserida nas diversas culturas e histórias em que estamos presentes, pode receber formas e linguagens novas se estivermos disponíveis para a reconhecer também nos outros: no irmão que vem de um mundo diferente do meu, na irmã que aprendeu a rezar numa língua que não conheço, na comunidade que encontrou expressões do carisma que eu não tinha imaginado.

Outro espaço decisivo é o contato vivo — muitas vezes sofrido — com a história dramática que estamos vivendo. Penso nos irmãos e irmãs na Terra Santa, na Ucrânia, no leste do Congo, no Sudão e Sudão do Sul e noutros lugares de África, em Myanmar, no Haiti, em Cuba, no México como noutros países da América Latina: lugares onde o carisma é chamado a crescer hoje, não como resposta abstrata mas como presença concreta e solidária.

❖ **Contemplativos em missão, juntos como irmãos e menores**

Na nossa história, os movimentos de reforma partiam sempre daquilo que Francisco manteve unido e que nós arriscamos separar: a contemplação e a missão. Não são duas escolhas alternativas, dois «modelos» de vida franciscana entre os quais optar. Continuam a ser os dois pulmões de um único respiro. A pregação, a presença e o serviço não privavam Francisco do deserto: ele voltava sempre a tempos prolongados de retiro. O Espírito que dá a vida é o mesmo que leva a olhar o rosto de Deus e o rosto do pobre, e revela-os inseparáveis.

Precisamos de reencontrar esta unidade também hoje, nós frades e irmãs nas estruturas que habitamos e nas que construímos nos países de nova presença, os leigos franciscanos nas suas condições ordinárias de vida. Nem todas as estruturas ajudam: é um discernimento necessário, a fazer juntos com honestidade, para que silêncio e serviço, oração e proximidade possam respirar juntos.

Nesta missão não estamos sós. Os leigos franciscanos, as irmãs, quantos partilham a nossa inspiração evangélica são companheiros de caminho, não destinatários do nosso cuidado pastoral. Francisco não fundou uma instituição clerical: reuniu à volta do Evangelho homens e mulheres de toda a condição. As novas formas de vida franciscana que o Espírito suscita neste tempo nascem do encontro



com a realidade concreta e da identidade profunda do que somos: irmãos e menores, contemplativos em missão.

❖ **A escolha dos pobres: os nossos mestres**

No coração do nosso carisma há uma escolha que Francisco nunca atenuou: «E devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua»¹². No fim da sua vida, queria voltar precisamente entre os leprosos¹³. Pôs em nós este germe: viver como, entre e para os pobres. Não como benfeitores que se aproximam com benevolência, mas como irmãos que partilham a condição. Os pobres não são o «campo» da nossa missão: são os nossos mestres¹⁴. Francisco compreendeu-o no encontro com o leproso, que lhe restituiu o gosto da vida e mudou para sempre a forma do seu olhar. E daí nunca mais voltou atrás.

Esta escolha não é uma opção entre outras, uma sensibilidade que alguns têm e outros não. É um critério vocacional. Vale para todos na nossa grande família. Permitam-me agora uma palavra dirigida sobretudo aos meus frades. Quem se reconhece chamado a ser frade menor aceita que a minoridade não é um título honorífico, mas uma posição real: estar em baixo, com quem está em baixo, sem procurar subir. Quando na nossa vida se manifesta de diversos modos o desejo de ascensão social — de maior reconhecimento, de estatuto mais elevado, de protagonismos individuais ou de grupo — é aí que o carisma é contestado nos fatos, mesmo que seja proclamado com palavras. A minoridade é critério de vocação e critério de missão: diz-nos de onde partimos e com quem caminhamos.

Perguntemo-nos, com franqueza fraterna: nós com as nossas fraternidades somos realmente próximos dos pobres, ou a distância cresceu com o tempo, coberta talvez por obras institucionais que funcionam mas que já não exigem o contato direto? O encontro vivo, pessoal, cotidiano com quem está à margem é uma das formas mais verdadeiras em que o carisma se mantém vivo e reconhecível.

❖ **Liberdade evangélica: trabalho, dinheiro, dependência**

Há um nó que não podemos evitar, porque toca a coerência da nossa vida e o seu anúncio: a relação com o dinheiro. Isto toca a todos nós, frades, irmãs e leigos, cada

¹² *RnB IX, 2.*

¹³ Cf. Tomás de Celano, *Primeira Vida de São Francisco*, Segundo Livro, VI, 103.

¹⁴ Cf. CCGG 93,1.



um de modo diferente. Francisco fez disso uma das questões mais radicais da sua experiência evangélica. Não por desprezo das coisas criadas — ele que cantava a beleza de cada criatura — mas porque tinha compreendido que o dinheiro, quando se torna segurança, se transforma numa forma de poder e de defesa contra o que assusta. Retemo-lo como propriedade, enquanto prometemos viver *sem nada de próprio*.

Somos chamados a olhar com honestidade este nó na nossa vida concreta. Que relação temos com o dinheiro e como o gerimos, individualmente e em fraternidade? A disponibilidade de recursos, mesmo quando usada para obras boas, pode tornar-se pouco a pouco um muro invisível entre nós e os pobres, na mesma fraternidade entre quem tem mais acesso a eles e quem tem menos. Eis uma forma de segurança que nos afasta da dependência evangélica que Francisco escolhia como estilo. Esta é uma questão aberta, que devemos colocar-nos com força nas nossas fraternidades.

Francisco liga tudo isto à prioridade do trabalho com as próprias mãos como forma fundamental de sustento. Trabalhar não é uma concessão à necessidade: é uma escolha que nos mantém na realidade como criaturas, que nos torna dependentes da vida comum e não de posições adquiridas, como pobres e não como senhores. O risco oposto — viver do que recebemos sem oferecer em troca nenhuma forma de trabalho, assumindo um direito passivo ao sustento — diz que estamos longe do carisma, e que arriscamos não o receber mais como dom do Espírito. Os leigos podem ajudar-nos a descobrir e a viver melhor esta dimensão.

Há finalmente uma palavra de Francisco que ressoa de modo particular: tudo o que temos é um dom, não nos pertence, apenas o recebemos. O nosso ser, os bens que gerimos, as estruturas que habitamos, os recursos que utilizamos: são um dom que nos é dado em empréstimo. Não podemos retê-los para nós, mas somos chamados a restituí-los e o verdadeiro destinatário é o pobre: «E a esmola é a herança e direito que se deve aos pobres, a qual Nosso Senhor Jesus Cristo conquistou para nós»¹⁵. Restituir aos pobres o que apenas recebemos é o gesto mais eloquente da nossa vocação: diz que não temos medo, que confiamos no Pai como Francisco nos mostra.

✦ Rumo ao Capítulo geral

Ir além do Centenário não significa descobrir mais algum monumento e arquivar também este capítulo. Significa não nos cansarmos de responder ao dom desta vida

¹⁵ *RnB IX, 8.*



que o Espírito fez brotar de Francisco, deixando-nos tocar e também inquietar, para que tome corpo hoje.

Esta vida liberta-nos da identificação excessiva entre o carisma recebido e os modos, as tradições, as estruturas em que tomou corpo ao longo dos séculos. Francisco respirou no Espírito a liberdade do Evangelho: não nos defendamos do seu sopro. Continuemos a dar-lhe carne, para que possa exprimir-se nas nossas escolhas, no nosso anúncio, no estilo autêntico das nossas fraternidades.

Começemos a preparar-nos todos juntos para o Capítulo geral 2027 no Vietnã. Parece um evento distante da vida cotidiana dos frades. Nesta hora da história é vital sentirmo-nos e agir cada vez mais como fraternidade internacional. Na preparação para o Capítulo serão envolvidos frades, as fraternidades locais, as Entidades e as Conferências. Convidaremos também ao Vietnã, para uma semana comum, dois leigos de cada Conferência, para ouvir a sua voz e o seu olhar para o futuro. Seja então um caminho para dar voz a esta vida presente entre nós, mesmo que muitas vezes seja como uma brasa muito tênue sob a cinza. Seja uma oportunidade para reavivá-la e fazê-la arder. Esta vida urge em nós, abre portas onde tudo parecia já fechado, orienta-nos para o futuro que Deus já está a tecer no trabalho deste tempo — que nos educa como nunca para uma laboriosa esperança.

❖ O mundo espera

Não vale só para nós. A Igreja precisa desta expressão do Espírito para viver plenamente a sua vocação e missão. E o mundo — também através de tantas mulheres e homens que não se reconhecem em nenhuma pertença religiosa — pede-nos que libertemos esta vida que levamos, para que haja lugares onde se possa perceber aquele pulsar que habita em cada criatura e a conduz ao seu cumprimento na própria vida de Deus.



REZEMOS JUNTOS:

Vem Espírito Santo, sobre este pequeno povo de irmãos, irmãs e menores.

Acende de novo em nós, com a chama do teu amor, uma fé reta, uma esperança certa e uma caridade perfeita.

Transforma a nossa vontade e o nosso coração para que não retenhamos o dom recebido: torne-se vida oferecida.

Santa Maria, Virgem feita Igreja, acompanha-nos neste caminho.

São Francisco, homem do mundo futuro, lembra-nos que o Evangelho é ainda hoje a nossa única riqueza. Amém.

Desejo-vos um luminoso Pentecostes, irmãos e irmãs. O Espírito, verdadeiro Ministro geral da Ordem, nos guie juntos rumo àquela vida plena que é o desejo mais profundo do coração de cada criatura.

Vosso irmão e servo,



Fr. Massimo Fusarelli, OFM

Fr. Massimo Fusarelli, OFM
Ministro geral

Roma, da Cúria geral da Ordem, 13 de maio de 2026.

Prot. 115201/MG-048-2026



ORDO FRATRUM
MINORUM

Curia Generalis
Via di S. Maria Mediatrice, 25
00165 Roma, Italia
www.ofm.org